



Revista Electrónica
de Poesia

Aula de Poesia de Barcelona

<http://www.ub.es/aulapoesiabarcelona>

JOSÉ JORGE LETRIA: OS MARES INTERIORES (4 poemas sense traducció)

A LOUCURA DENTRO DOS LIVROS

Ao corpo hospedeiro de todo o excesso
não se pede moderação, exige-se desmesura,
para que rebente em claridade
num dia brutal e ímpio, junto às catedrais.
As imagens amotinam as palavras,
insubordinam-nas, pedem-lhes transgressão
e opróbio, porque são implacáveis e límpidas.
A mão que faz rodar o trinco da porta
não branqueia o quarto; ilumina
o lugar onde se renasce do fogo
para a ventura última do êxtase,
nome que se dá à loucura dentro dos livros.

A DÁDIVA DE OUTRA PAIXÃO

A ferida tem o seu tempo, a sua febre,
a existência líquida e ardente do que é excessivo,
do que cresce com a carne, martirizando-a.
Há feridas comovidas como esta, que se abrem
e se fecham com a dor lá dentro
para que ninguém possa devassá-las.
Há as feridas da melancolia
e as do músculo seccionado pelo gume
de uma raiva mitigada e ancestral.
Nem só os animais lambem as chagas
para as pôr ao abrigo do pó e do vento.
Também os cavaleiros de coisa nenhuma
lambem o coração retalhado na peleja
à espera que o afago da brisa
lhes traga a dádiva de outra paixão.

FILÓSOFO, CHÁ E BISCOITOS

Convoco os filósofos para o silêncio da página,
tão bonitos, tão formais, tão europeus,
traduzidos em tantas línguas
quantas as do desespero do Homem.
Sirvo-lhes chá preto e biscoitos de manteiga.
Falamos de banalidades: da chuva,
da humidade que agrava o reumatismo,
do vento do mar que não cura
a sinusite nem as doenças de pele.
Alguns trazem os cães e os gatos,
outros as mulheres que tricotam camisolas
quentes para o frio do Inverno.
São criaturas quase tão banais
como a conversa em redor do chá e dos biscoitos.
Quando os interrogo sobre a morte,
assobiam uma melodia popular
e elogiam, gulosos, a qualidade dos biscoitos.
Nunca se deve falar da morte à hora do chá.

AS IMPURAS GARRAS

Viver assim o dia e a noite, desabrido,
no casulo taciturno destas vozes
que nomeiam o desastre e o prodígio, o infinito,
no mesmo tom que grava na garganta
o sulco do gemido e a cicatriz da queixa,
a mancha do azul e a chaga da bravura.
Partir com os animais para a última morada
antes do fim do horizonte, lá longe,
onde se confundem os anjos com as águias
e os mortos com a última luz da alma.
Partir como partem as sombras, devagar,
misturado com o clamor das bocas,
com o vazio das causas no metal das mãos
e esquecer a forma como se ama,
como se escreve, como se acena,
lenço de púrpura na aflição dos dedos,
estátuas de musgo no embalo dos braços,
deuses de areia na agonia das tardes.
Partir, seguindo o rasto do pó,
atrás das coisas sensíveis e breves
que lembram as criaturas mansas
que um dia nos cravaram na carne
as ínfimas garras da paixão e da derrota.